

“COM A FACA NAS COSTAS”: METÁFORA E MESCLAGEM CONCEPTUAL EM CARTUM

Sandra Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

sandrapb@terra.com.br

Ana Paula Ferreira (UERJ)

acdमित@uerj.br

O pensamento criativo, imaginativo, torna os seres humanos capazes de produzir e compreender operações mentais complexas, tais como, inferir, hipotetizar, inventar, criar mundos, realizar analogias etc., muitas vezes, sem se dar conta da complexidade inerente a esses raciocínios. Segundo Fauconnier e Turner (2002), até mesmo raciocínios aparentemente simples e cotidianos, como perceber semelhanças e diferenças, envolvem complexidades, em geral, não evidenciadas por teorias formais.

Neste artigo, apresentamos a análise da conceptualização de um cartum, a fim de mostrar como a compreensão desse tipo de texto multimodal requer operações cognitivas complexas, apesar da aparente facilidade com que os falantes de uma língua, inseridos em determinada cultura, constroem o sentido desse tipo de discurso. Para tal, utilizaremos as teorias da mesclagem e da metáfora conceptuais (FAUCONNIER e TURNER, 2002; LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2005), como base teórica deste estudo.

O cartum escolhido apresenta a imagem de médico, diante de um paciente com uma faca literalmente cravada nas costas, exibindo expressão de surpresa, e o seguinte texto abaixo da imagem: “Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora”. A imagem foi obtida no Google Imagens¹.

Na próxima seção, sintetizaremos os conceitos empregados na análise. Após a fundamentação teórica, passaremos à seção de análise.

¹ Disponível em: <http://ofunil.blogs.sapo.pt/arquivo/325374.html>

1. *Integração conceptual e metáfora*

Do pensamento mais simples a pensamentos complexos e imaginativos, a forma como raciocinamos, ao processar informações e conhecimentos de todos os tipos, deve-se, em muitos casos, à integração (ou mesclagem) conceptual. O sistema conceptualizador humano é dotado de grande potencial simbólico para construir significados. Como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6 ss), isso é possível devido a três operações cognitivas básicas inter-relacionadas: identidade, integração e imaginação.

Perceber *identidade*, equivalências e oposições, entre todas as coisas (concretas ou abstratas), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado do raciocínio. Não se trata de um ponto de partida primitivo cognitivo, neurobiológico e evolucionário, a percepção da identidade é parte de um processo de *integração* conceptual muito mais complicado, com propriedades dinâmicas e estruturais, bem como restrições operacionais, que trabalha, sem ser notado, de forma rápida nos bastidores da cognição, ao categorizarmos tudo que nos cerca (*op. cit.*).

Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a *imaginação*. Mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias. Todavia, os processos imaginativos identificados nessas formas elaboradas de pensamento criativo também atuam na mais simples construção de significado (*op. cit.*).

Assim, quando categorizamos as entidades, atribuindo-lhes uma escala de valores, papéis e/ou funções, percebemos suas identidades de modo a integrá-las numa categoria conceptual estável adequada ao contexto (comunicativo, social, cultural), a partir de nossas experiências, armazenadas com base em modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos e *frames*.

Modelos cognitivos idealizados (MCIs) consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987). Os esquemas imagéticos formam-se por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambi-

ente (GIBBS e COLSTON, 2006 [1995]). Semelhantes aos MCIs, na medida em que se relacionam a estruturas de conhecimentos relativamente complexas, os *frames* podem ser definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadra” (FILLMORE, 1982, p. 111).

Grande parte da conceptualização, responsável pelo estabelecimento de sentidos, ocorre por meio de integração de espaços mentais interconectados, abertos dinamicamente à medida que o sistema conceptualizador humano aciona rotinas cognitivas para processamento e compreensão de tudo nos cerca.

Os espaços mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos enquanto pensamos e falamos. Trata-se de construtos parciais que contêm elementos estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Embora operem na memória de trabalho, tais espaços são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo.

A compreensão de um enunciado como *Se eu fosse você agiria com mais cuidado ao lidar como o novo encarregado*, expresso, por exemplo, durante um diálogo entre colegas de trabalho, envolve a ativação de dois cenários: o da realidade, a forma como os participantes estão agindo, e o da situação hipotética, o modo de ação recomendado. O cenário da realidade envolve o acionamento de dois espaços mentais: no primeiro, conceptualizamos o funcionário que lida bem com o chefe; no segundo, o funcionário, que, segundo o enunciador, não vem interagindo bem com o chefe.

Para compreensão do cenário hipotético, projetamos o papel desempenhado pelo funcionário cuidadoso na contraparte do papel desempenhado pelo funcionário relapso, integrando os dois papéis, ou seja, ligamos as identidades dos dois funcionários. No espaço mental em que ocorre a fusão de papéis, denominado espaço-mescla, os dois funcionários lidam bem com o novo encarregado. Nesse processo de integração conceptual, projetamos apenas a qualidade esperada no trato com o novo encarregado.

Logo, a integração (ou mescla) conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa, que está presente tanto em ra-

ciocínios elaborados quanto no pensamento mais simples. A mesclagem surge em uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços:

- *Espaços iniciais de entrada* – *espaços-input* 1 e 2 interconectados;
- *Espaço genérico* – projeta-se sobre cada um dos inputs, contendo o que os dois *inputs* têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual;
- *Espaço-mescla* em que elementos dos espaços iniciais (*inputs*) são parcialmente projetados (por exemplo, a habilidade de lidar com o chefe do funcionário cuidadoso e o modo como o funcionário relapso passaria a agir).

O espaço-mescla resultante dessa projeção seletiva apresenta uma estrutura emergente com uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos *inputs* inter-relacionadas de três maneiras:

- (i) *Composição* – tomadas em conjunto, as projeções dos *inputs* engendram novas relações utilizáveis que não existiam separadamente nos inputs.
- (ii) *Completamento* – conhecimentos anteriores, *frames*, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla por transferências parciais de estruturas dos *inputs* e serem vistos como parte de uma ampla estrutura autocontida na mescla. O padrão mais rico da mescla, estruturado pela herança das estruturas inputs, é completado na estrutura emergente mais ampla. O completamento traz uma estrutura adicional para o espaço-mescla: no exemplo acima, o funcionário que passa a lidar bem com o chefe num cenário hipotético.
- (iii) *Elaboração* – completada na mescla, a estrutura pode então ser *elaborada* através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua lógica própria e emergente. Um exemplo de elaboração seria uma conversa entre os dois funcionários acerca de normas de conduta e relação hierárquica na empresa.

O aspecto mais importante é que o espaço mesclado mantém-se conectado aos *inputs*, para que essas propriedades estruturais do espaço mesclado possam ser mapeadas, quando refletido de volta sobre os *inputs*. Por causa da familiaridade do quadro obtido pelo completamento, o cenário hipotético com mudança de comportamento do funcionário é automático.

Qualquer espaço pode ser *modificado* em qualquer momento da construção da rede de integração. Isso ocorre porque o significado

não é construído em nenhum dos espaços especificamente, mas reside na reciprocidade dos arranjos elaborados e suas respectivas conexões. Logo, a ordem desses esquemas pode ser reorganizada a todo o momento. Espaços, domínios e enquadramentos podem proliferar-se e modificar-se, resultando assim em novos espaços-mescla antes não previstos e também provocando transformações naqueles já previstos.

Mesclagens costumam ser originais e geradas *on line*, mas requerem acionamento de projeções e *frames* já armazenados (entrenchados – *entrenchment*). Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o *input* de outro processo de integração conceptual.

Um fato motivador fundamental da mesclagem é a integração de vários eventos em uma única unidade. Um exemplo de Fauconnier e Turner (2002) que ilustra bem essa característica é a conceptualização de cerimônias de formaturas, cujo conceito representa em um único evento todas as etapas percorridas ao longo dos anos da graduação, que são comprimidos no espaço-mescla.

Embora uniforme em sua dinâmica, a integração conceptual pode servir a diferentes objetivos, daí sua *aplicação ampla* a vários tipos de raciocínio, entre os quais se encontra o pensamento metafórico. Concebidas na Linguística Cognitiva como uma forma de raciocínio, as metáforas permitem a conceptualização de um domínio em termos do outro. Segundo Lakoff e Johnson (1980), os processos do pensamento são em grande parte metafóricos: *a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra*.

A compreensão de discussão em termos de guerra, presente em “seus argumentos são *indefensáveis*”; “ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação” e “suas críticas foram *direto ao alvo*”, evidenciadas pelas expressões linguísticas grifadas, ilustram, por exemplo, a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora surge da integração entre dois domínios distintos: o domínio fonte GUERRA com base no qual o domínio alvo DISCUSSÃO é experienciado. Os domínios fonte e alvo consistem nos espaços mentais de *input*, dos quais alguns elementos são projetados no espaço-mescla onde a conceptualização metafórica ocorre.

Em seguida, apresentamos uma hipótese de conceptualização do cartum a partir dos raciocínios com que o interpretamos. Dois ditos podem ser acionados por meio do cartum: “estar com a faca nas costas”, usado para retratar um sentimento de pressão excessiva, e “levar uma facada nas costas”, empregado com sentido de sofrer traição. Concentraremos nossa análise na primeira interpretação, embora o mesmo tipo de processo de mesclagem possa explicar a atribuição de sentido de ser traído.

2. “Com a faca nas costas”: mescla e metáfora em um cartum



Abrimos, conectamos e mesclamos espaços mentais, porque nos fornecem um *insight* global, uma compreensão da categorização humana (human-scale) e um novo sentido. Um dos mais importantes aspectos de nossa eficiência, *insight* e criatividade é a compressão alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais, denominadas relações vitais por Fauconnier e Turner (2002: 93ss).

Entre as relações vitais apresentadas pelos autores, destacamos a compressão-descompressão e analogia-desanalogia, porque, para a construção de sentido irônico da imagem aliada ao texto no cartum, o leitor precisa acionar e cancelar conhecimentos armazenados, na forma modelos cognitivos idealizados, acerca do conceito de metáfora e sua relação com o dito popular “estar com a faca nas cos-

tas”, usado para representar situações difíceis de impasse, que, por sua vez, é uma expressão metafórica.

O cenário do cartum leva o leitor a acionar um *frame* organizacional de consulta médica, na medida em que identificamos elementos característicos desse tipo de interação: *paciente ferido* com uma faca; *médico*, identificado por aparelho preso à cabeça; *consultório*, onde, após *diagnóstico*, doentes buscam uma *cura*. No entanto, ao lermos abaixo da ilustração “Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora”, é acionado um novo espaço mental estruturado por um modelo cognitivo idealizado ligado ao nosso conhecimento sobre metáfora/linguagem metafórica, para, na relação com a imagem, conceptualizarmos o dito “estar com a faca nas costas”.

O diagnóstico do médico, considerando “com a faca nas costas” uma metáfora, é conceptualizado no espaço-mescla, onde elementos de domínios tão distintos são projetados, de forma imaginativa, gerando o humor. Nesse espaço mental, o conceptualizador realiza a descompressão/a desintegração da identidade do médico e da consulta médica, na medida em que o cenário de uma consulta prototípica é desconstruído, bem como a desanalogia entre o diagnóstico e a referida metáfora.

Essas operações mentais só são possíveis, porque os espaços mentais iniciais de *input* contêm os elementos relativos ao *frame* sobre consultas e ao conhecimento sobre metáfora, que permanecem disponíveis nessa rede de integração. Os processos de integração/compressão e desintegração/descompressão funcionam como os dois lados de uma moeda, que permanecem simultaneamente disponíveis para ativação durante o acesso da rede inteira.

Dessa forma, a rede de integração para conceptualização do cartum apresenta a seguinte configuração:

- Espaço-*input* (1) composto de elementos relativos ao *frame* organizacional de consulta médica, no qual a faca nas costas é a doença a ser curada. Esse espaço inicial é estruturado pela informação visual do cartum.
- Espaço-*input* (2) estruturado pelo conhecimento sobre metáfora, que integra o caso do dito popular metafórico “estar com a faca nas costas” e o senso comum de que a metáfora é um artifício retórico, uma

manifestação linguística da superfície textual. Esse espaço é estruturado com base nas pistas linguísticas fornecidas pelo texto do cartum. Além disso, é produto de uma mesclagem que gera o sentido metafórico do dito.

- Espaço genérico configurado pelos sentidos de “com a faca nas costas”, como dito popular e como ferimento, a partir de conhecimentos enciclopédicos armazenados.
- Espaço-mescla estruturado pela projeção das contrapartes dos dois *inputs* interconectados. Médico, paciente e ferimento são herdados do espaço inicial (1). O diagnóstico é herdado do sentido de metáfora como um mero artifício retórico do espaço inicial (2), que produz uma analogia com ferimento sem gravidade, superficial, na imaginação do leitor, que automaticamente desfaz a analogia, porque, no desenho, o paciente está com uma faca cravada nas costas, o que seria grave.

Assim, a projeção entre os *inputs* produz a relação entre domínios diferentes, gerando uma estrutura composta que é completada na mescla, com uma estrutura emergente própria, onde o diagnóstico de “apenas uma metáfora” é elaborado.

Devido à diferença entre os domínios dos dois espaços-*inputs* da rede para conceptualização do cartum, podemos considerá-la um caso de *rede de escopo duplo com alta assimetria*, porque, embora receba projeções da topologia dos *frames* organizacionais dos dois *inputs*, o *frame* organizacional para a mescla é uma extensão do *frame* organizacional de um dos *inputs*, já que o cenário de consulta médica permanece no espaço-mescla, mesmo desconstruído. Além disso, a relação entre o senso comum sobre metáfora e o dito popular metafórico, para se chegar ao diagnóstico “positivo” do médico, só ocorre na mescla.

Na outra possibilidade de interpretação, que nos remeteria à expressão “ser apunhalado pelas costas”, usada para indicar uma situação de traição em um momento inesperado, as operações de compressão-descompressão e analogia-desanalogia também seriam acionadas. Contudo, a metáfora conceptual subjacente seria diferente daquela que estrutura a primeira interpretação. A primeira interpretação pode ser estruturada pela metáfora conceptual OBRIGAÇÕES/COM-PROMISSOS SÃO FORÇAS ESTRESSANTES, ao passo que à segunda interpretação subjaz a metáfora conceptual TRAIÇÕES SÃO GOLPES POR ARMAS LETAIS.

3. *Considerações finais*

Apesar da aparentemente simplicidade com que interpretamos o cartum, pudemos verificar que se trata de uma operação cognitiva bastante complexa, possibilitada pela grande capacidade que possuímos de construir significados. Todavia, é preciso destacar o papel do conhecimento enciclopédico envolvido nas interpretações, o qual se relaciona intrinsecamente à dimensão cultural e às experiências físicas e intelectuais vivenciadas por cada pessoa.

Apresentamos, portanto, uma proposta de análise de cartum à luz da integração conceptual metafórica, uma ferramenta teórica que permite a criação um *frame* emergente, capaz de deixar a imaginação livre para desenvolver significados mais ricos e outras associações. Embora consista em um estudo preliminar, acreditamos que foi possível demonstrar adequação da mesclagem à compreensão de textos multimodais, como cartuns, propagandas, charges, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____ & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: *Linguistics in the morning calm*, Linguistic Society of Korea (ed.), 111-137. Seoul: Hanshin.

GIBBS Jr., Raymond W. & COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KÖVECSÉS, Zóltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____ & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.